

UMA ANÁLISE CONCISA DA OBRA BALADA DE AMOR AO VENTO (1990)

Júlia Cunha Alves Cavalcante

Ingressa no PET Letras em 2014

Maria Gabriela Cardoso Fernandes da Costa

Resumo: *O texto reflete a condição das mulheres do Sul de Moçambique, submetidas a costumes - como a poligamia e o lobolo - que as colocam em posição de inferioridade em relação aos homens. Busca-se analisar como essa e outras temáticas associadas à tradição moçambicana - como a oralidade, por exemplo - são debatidas no romance Balada de Amor ao Vento (1990) da escritora Paulina Chiziane.*

Palavras-chave: Literatura Moçambicana; identidade cultural; tradição

Introdução

Um dos temas mais debatidos nas obras da escritora moçambicana Paulina Chiziane é a discussão em torno do ser mulher. Em sua primeira obra publicada, *Balada de amor ao vento (1990)*, não poderia ser diferente. Através da história de Sarnau, a autora discute todo o sofrimento vivido por grande parte das mulheres de Moçambique submetidas a determinadas práticas culturais como o lobolo e a poligamia.

Ademais, na medida em que debate questões acerca da condição feminina a autora retrata outros aspectos da tradição moçambicana – de certo modo, africana – como, por exemplo, a oralidade que acaba por repercutir no enredo da obra. É a partir de uma junção entre uma história instigante e um enredo primoroso que Chiziane desperta a discussão em torno de temáticas fundamentais as quais serão debatidas ao longo deste artigo.

Algumas considerações a respeito da Literatura Moçambicana

A Literatura Moçambicana pode ser considerada recente, tendo em vista o fato de que possui uma existência de, em média, cem anos. É a partir dos anos 30 do século XX que se inicia a criação de uma literatura nacional como sistema, embora já

existissem algumas manifestações literárias isoladas. Contudo, é com a independência política em xxx que a literatura se consolida em Moçambique.

Nesse processo de constituição e consolidação de uma Literatura Moçambicana, bem como, de modo geral, da cultura moçambicana, vale destacar a importância da imprensa como único meio de discussão no qual poderiam ser desenvolvidos pensamentos críticos além de servir, até a década de oitenta, como ambiente de difusão da maioria dos textos produzidos. Dentre os diversos jornais e revistas, destacam-se *O Africano* e *O Brado Africano*. Sobre esse aspecto, afirma Spinuzza:

Apesar de não poder reconstruir a literatura moçambicana do século XX em etapas definidas com correntes literárias bem delineadas, que levariam a completar um processo de génese de uma literatura nacional, estes jornais ou folhas contibuíram enquanto único lugar de onde podiam surgir e amadurecer autores nacionais (SPINUZZA 2009 livro)

A constituição da Literatura Moçambicana ocorre paralelamente à luta anticolonial, contribuindo para o movimento da independência, associando-se à criação e à afirmação de uma identidade moçambicana. Como afirma Nelson Saúte, “[...]o acto instituidor daquilo que podemos chamar de literatura moçambicana está contaminado pelo vírus da política” (SAÚTE, 1985, p.10).

Um breve panorama da vida e da obra de Paulina Chiziane

A escritora Paulina Chiziane nasceu no dia 4 de junho de 1955 nos subúrbios de Maputo - antiga Lourenço Marques. Nasceu numa família protestante, na qual se falavam as línguas Chope e Ronga. Aprendeu a língua portuguesa na escola de uma missão católica. Iniciou seus estudos em Linguística, na Universidade Eduardo Mondlane, embora não tenha concluído o curso. Durante a juventude, Chiziane foi membro da Frelimo - Frente de Libertação de Moçambique. Ganhou o prêmio José Craveirinha de 2003, pela obra *Niketche: Uma História de Poligamia* (2002).

A romancista, que, atualmente, vive e trabalha na Zambézia, lançou vários contos na imprensa e com a publicação de seu livro *Balada de Amor ao Vento* (1990), tornou-se a primeira mulher moçambicana a publicar um romance.

Outras obras de Chiziane são *Ventos do Apocalipse* (1993), *O Sétimo Juramento* (2000), *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), *As Andorinhas* (2009), *Na mão de Deus* (2012) e *Por Quem Vibram os Tambores do Além* (2013).

Resumo da obra

O livro *Balada de Amor ao Vento* (1990) é escrito em primeira pessoa, divide-se em dez capítulos e narra a história de Sarnau, jovem que se relaciona com um rapaz chamado Mwando o qual, inicialmente, intencionava ser padre. O casal permanece junto até que Mwando rompe a união para se casar com outra moça, escolhida por seus pais, abandonando Sarnau, que, entretanto, havia engravidado. Desesperada, ela tenta cometer suicídio, atirando-se em um lago. Perde a criança, mas é salva por um pescador.

Inesperadamente, a jovem é escolhida pela rainha para ser a primeira mulher do seu filho mais velho, Ngmila, o próximo rei. Após o casamento, Sarnau sofre o desprezo, em razão das relações poligâmicas de seu marido. Mwando, por sua vez, é abandonado pela mulher, que parte para viver com outro homem.

Sarnau e Mwando voltam a se encontrar e a se relacionar às escondidas, afinal, a jovem ainda é casada com o rei. Ela engravida de Mwando, embora todos acreditem que a criança é filha de Ngmila.

Certo dia, quando Sarnau retornava de um dos seus encontros com o amante, é surpreendida por Phati, uma das outras mulheres do rei. Phati ameaça contar tudo ao seu marido. Diante disso, Sarnau foge para Vilanculos com Mwando, abandonando Ngmila e seus filhos – duas meninas filhas do rei, e um menino fruto do relacionamento com o amante. Tempos depois, Mwando é procurado pelos soldados reais e resolve fugir abandonando, mais uma vez, Sarnau, sendo degredado, posteriormente, para Angola por se envolver com uma mulher casada.

Sarnau paga ao rei, sozinha, seu lobolo através da prostituição. Dezesesseis anos depois, vive com uma filha –fruto do seu romance com Mwando- e um filho - fruto das relações que manteve com um homem enquanto se prostituía. Ela sobrevive com a venda de alguns legumes na feira.

Retornando do degredo, Mwando vai à procura de Sarnau e tenta reatar o romance. Ela exige, contudo, que ele pague o preço do seu lobolo. Mwando afirma que não tem o dinheiro suficiente e ela o recusa. Entretanto, na noite deste mesmo dia, ele

vai até a casa dela e se apresenta como pai das crianças. Sarnau aceita Mwando e ambos passam a noite juntos.

A poligamia, o lobolo e a condição feminina em *Balada de Amor ao Vento* (1990)

Antes de se iniciar a análise da obra propriamente dita, é válido discutir um pouco mais acerca do lobolo e da poligamia, práticas frequentes, até os dias de hoje, em algumas regiões, não só de Moçambique, mas também em outros países africanos.

O conceito de poligamia foi criado pelos gregos e pode ser compreendido como um sistema em que um homem tem mais de uma mulher. Desse modo, não se trata de adultério uma vez que todos os envolvidos sabem do sistema em que estão inseridos. Trata-se de uma prática aceita por algumas religiões, em determinadas regiões, dentre elas, o Sul de Moçambique. Ou seja, a poligamia fere a igualdade entre os direitos dos homens e das mulheres.

O lobolo, por sua vez, é um costume no qual a família da noiva recebe do noivo o valor – geralmente pago com animais como vacas e galinhas - pela perda que representa o seu casamento e a ida para outra casa. É um costume presente, até os dias de hoje, em diversas regiões africanas, dentre elas, novamente, o Sul de Moçambique.

A protagonista do romance, Sarnau, vivencia essas duas práticas no momento em que se casa com o futuro rei como é possível observar nos fragmentos a seguir: “[...] a vossa filha (Sarnau) é hoje lobolada. [...] O número de vacas com que é lobolada é tão elevado [...]” (CHIZIANE, 2003, p.36) e “[...] o rei foi dormir com sua mulher mais querida, essa libertina de nome Mayi, que o rei defende com unhas e dentes chegando ao ponto de matar a quinta esposa por esta ter divulgado em público as leviandades da sua amada.” (CHIZIANE, 2003, p.57).

O primeiro excerto, retirado do capítulo quatro, refere-se ao lobolo oferecido pela família do rei em troca do seu casamento com Sarnau. A palavra “troca” não foi escolhida em vão, afinal, através dessa prática, tem-se a ideia de que o casamento é, na realidade, uma relação comercial como é possível observar em uma das falas da protagonista “Vou agora pertencer a outra família, mas ficam essas vacas que me substituem.” (CHIZIANE, 2003, p.39). Ou seja, é possível observar que a própria Sarnau se reconhece como objeto de uma transação, na medida em que utiliza o verbo “pertencer” para fazer referência a ela mesma, igualando-se a algo que pode ser

possuído por alguém, e ainda, por afirmar poder ser substituída por vacas. Esse reconhecimento de venda fica ainda mais evidente na fala da protagonista, ainda no capítulo quatro “[...] meu Deus isto é uma feira, eu estou à venda.” (CHIZIANE, 2003, p.38). Essa concepção de lobolo como uma negociação comercial é confirmada em um dos excertos do livro no qual essa temática é discutida:

Não se compra uma mulher para trazer prejuízos à família, antes pelo contrário, o lobolo é uma troca de rendimentos.[...] Se o rendimento não alcança o desejável, nada a fazer senão devolver a mulher à sua origem, recolher as vacas e recomeçar o negócio com outra família.(CHIZIANE, 2003, p.63)

O segundo excerto, utilizado anteriormente para retratar a relação poligâmica, representa, por sua vez, uma queixa de Sarnau ao comportamento do rei o qual mostra claramente a sua preferência por uma de suas muitas mulheres, ficando evidente a poligamia exercida por ele. Nesse aspecto, vale ressaltar a maneira como Sarnau refere-se a Ngmila, não mais como “meu marido” como é possível observar em capítulos anteriores - “É deste meu ventre que nascerá o homem que depois do meu marido irá dirigir os destinos desse povo.”(CHIZIANE, 2003, p.51) - e sim como “rei”. Essa é uma, dentre tantas outras marcas encontradas ao longo da obra, que demonstram a sensação de desprezo vivida por Sarnau na medida em que seu marido começa a se relacionar com outras mulheres e ela é deixada de lado. A poligamia é tida, segundo a tradição retratada por Chiziane, como um privilégio e uma obrigação do homem como é confirmado a partir do exceto “Homem que teima em viver com uma só mulher [...], não é digno de ser chamado homem.” (CHIZIANE, 2003, p.66).

É nesse contexto de desigualdade entre a condição feminina e a condição masculina que Sarnau surge como personagem questionadora. Após passar por todo sofrimento fruto de um lobolo e de um casamento poligâmico, a protagonista questiona e reprime essas tradições aceitas e defendidas pelo seu povo, como é possível observar nos seguintes fragmentos “Afinal, por que é que as mulheres procuram os homens?” (CHIZIANE, 2003, p.71) e “Ah, maldita vida de poligamia, quem me dera ser solteira, ou voltar a ser criança” (CHIZIANE, 2003, p.78). Contudo, o que chama atenção no decorrer na obra, é o fato de que Sarnau não se limita a contestar essas tradições, chegando a tomar atitudes que vão de encontro a elas. Como já foi dito no tópico “Resumo da obra”, Sarnau separa-se de seu marido - o rei - chegando a trabalhar como prostituta para juntar o dinheiro necessário para “desfazer o negócio” – o lobolo. Em

relação à poligamia, a protagonista da história assume um comportamento impensável para uma mulher daquela sociedade, na medida em que passa a viver uma relação amorosa com mais de um homem – o rei e seu amante Mwamdo- o que fica claro no trecho “[...] era característica comum dos meus dois maridos.” (CHIZIANE, 2003, p.95), contrariando assim a ideia de que a partir do momento em que a mulher se casa pertence “[...] a um só rei até ao fim dos [...] dias.” (CHIZIANE, 2003, p.44).

Nesse aspecto, pode-se enxergar Sarnau como a representação da modernidade que se insere em uma sociedade tradicional, questionando-a e buscando transformá-la.

No início do romance, que, a propósito, dá-se *in ultima res*, a narradora-personagem afirma aos leitores que irá contar sua história, mas que não sabe ao certo se ela é relevante “Será uma história interessante? Tenho as minhas dúvidas, pois afinal não é nada de novo. Há muitas mulheres que vivem assim” (CHIZIANE, 2003, p.12). De fato, no início, a história de Sarnau é capaz de retratar a de muitas africanas que passam pelas mesmas situações: uma decepção amorosa, um lobolo e um casamento poligâmico. Ademais, a protagonista, **a priori**, chega a concordar com elas: “[...] onde é que já se viu um homem cozinhar com mulheres em casa?” (CHIZIANE, 2003, p.27) ou ainda “-Eu aceito ser a segunda mulher, ou terceira, como quiseres. Se tivesses dez mulheres eu seria a décima primeira [...]” (CHIZIANE, 2003, p.29). Até aí, nada novo como ela mesma disse. A grande reviravolta se dá no momento em que a protagonista se rebela contra essas práticas, como já foi referido anteriormente. É nesse ponto que, a partir da principal figura feminina do romance, Chiziane faz uma ligação entre as tradições (que, em alguns pontos, precisam ser repensadas e que representam o passado) e a modernidade (que, em certos aspectos, precisa ser defendida, representando o futuro) como é possível observar no excerto a seguir:

Por quê recordar o passado se o presente está presente e o futuro é uma esperança? Espero que me acreditem, mas o passado é que faz o presente, e o presente o futuro. O passado persegue-nos e vive conosco cada presente. (CHIZIANE, 2003, p.12).

É possível relacionar esses questionamentos de Sarnau a um aspecto que estava sendo frequentemente discutido na época em que o livro foi publicado: a constituição da identidade moçambicana. Afinal, a todo momento, Sarnau questiona as tradições que a rodeiam e o seu papel na sociedade em que se insere. Desse modo, é possível associá-la

a uma conhecida personagem da Literatura Angolana, o jovem Ngunga, **presente** no livro *As Aventuras de Ngunga* (1980), de Pepetela, que surge como metáfora de um povo angolano em formação na medida em que reivindica os direitos femininos, subjugados pela tradição, rebelando-se, dentre outros aspectos, contra a compra das mulheres : “- Hei-de lutar para acabar com a compra das mulheres – gritou Ngunga, raivoso – Não são bois!” (PEPETELA, 1980, p.54).

Logo, não seria possível afirmar que Sarnau está para constituição da identidade moçambicana, assim como Ngunga está para a constituição da identidade angolana na medida em que ambos representam um constante questionamento das antigas tradições? Embora Chiziane enfoque esses questionamentos do ponto de vista da mulher, essa hipótese pode, de fato, ser considerada.

A (mãe) natureza em *Balada de amor ao vento*(1990)

Até aqui, fica evidente a denúncia da condição feminina, a partir de todo sofrimento vivenciado por Sarnau ao longo do romance, na medida em que esta tem de se submeter a costumes - como o lobolo e a poligamia **].** Agora, vale destacar alguns recursos de linguagem utilizados por Chiziane para debater essa temática.

O primeiro deles é a escolha da primeira pessoa como foco narrativo. Desse modo, a autora consegue atribuir um caráter confessional ao texto, na medida em que Sarnau dá testemunho de sua história, atribuindo um tom de realidade à ficionalidade da obra. Ademais, o uso desse artifício faz menção a uma das tradições mais significativas da cultura moçambicana – africana de modo geral -: a tradição oral de contar histórias: “Eu tenho um passado, esta história que quero contar.” (CHIZIANE, 2003, p.12). Sobre esse aspecto, afirma Duarte “Nas sociedades tradicionais africanas as narrativas orais configuram os pilares onde se apóiam os valores e as crenças transmitidas pela tradição [...]” (DUARTE, 2014, p.182)

Outro aspecto que merece destaque é a recorrência à associação – feita por metáfora ou por comparação - entre a mulher e a terra. Desde o primeiro capítulo do romance, fica explícita: a ideia de “Que a terra é a mãe da natureza e tudo suporta para parir a vida. Como a mulher.” (CHIZIANE, 2003, p.12). Nesse fragmento, a partir de uma comparação, Chiziane estabelece uma relação que é retomada diversas vezes ao longo do romance como é possível observar na citação a seguir:

Dentro de mim florescem os campos. Tudo em mim é verde. Eu sou terra fértil onde um dia lançaste a semente. O sol, a nuvem, o vento, tudo viram. A tua semente tornou-se verde, verde verdadeiro. Na próxima colheita teremos fartura e mostraremos ao mundo como é belo o nosso amor. (CHIZIANE, 2003, p.12)

A partir dessa afirmação, a protagonista, através de uma linguagem extremamete metafórica, ligada diretamente à terra “florescem”, “campos”, “verde”, “fértil”, “semente”, “colheita” – revela a sua gravidez. Sarnau assume “Eu sou terra” e nesse ponto vale destacar uma das características mais marcantes do romance. Assim como Sarnau –humana é terra, tudo que é da terra torna-se humano. Os papéis invertem-se a partir de personificações que se repetem, insistentemente, ao longo da obra: a primeira pode ser observada em “O sol, a nuvem, o vento, tudo viram.” (CHIZIANE, 2003, p.12). Sabe-se bem que o sol, a nuvem e o vento não têm a capacidade de ver; mas, neste romance, esses e outros elementos da natureza acabam se personificando:

Ó ondas do mar, não viram o meu amor? [...] As águas não me responderam continuando o seu marulhar maravilhoso. Por alguns instantes as palmeiras interromperam a dança para recomeça-lá ainda mais elegante, mais genial. Os carangueijos apavorados corriam em todas as direcções despistando os seus captores. (CHIZIANE, 2003, p.114)

Essa estratégia de personificação remete às narrativas, às lendas da tradição africana, marcadas pela presença da natureza e pelo maravilhoso, como é possível constatar em uma das histórias contadas pela própria protagonista, constituindo mais uma marca de tradição oral:

Conta-se que aqui em Mambone, há muitos anos, um homem se enforcou numa mangueira quando a mulher estava grávida. Depois do funeral, a mulher angustiada sentou-se diante da árvore durante muitos dias e muitas noites contemplando-a, até que um dia seu ventre rompeu, e de lá saiu uma criatura com corpo de gente, cabeça de manga, mas manga verdadeira, amarela, e tinha como cabelo folhas de mangueira. Também ouviu casos de mulheres que dos seus ventres nasceram cobras, lagartixas, peixes e até ovos de avestruz. [...] (CHIZIANE, 2003, p.93)

Além disso, pode-se compreender o uso dessa estratégia como forma de representar o anseio de Sarnau em ligar-se ao mundo dos animais –“Quem me dera ser a estrela sonâmbula e vagar no infinito sem destino em todas as noites de luar. Gostaria de ser um vaga-lume, acender e apagar despreocupada, sobrevoando as copas negras dos cajueiros.” (CHIZIANE, 2003, p.31) ou até mesmo dos fantasmas “Eu queria tanto ser fantasma”. ((CHIZIANE, 2003, p.34), e se afastar do mundo em que vivia.

E por que Sarnau quer deixar de ser terra - metáfora da condição humana da mulher-? A resposta a essa pergunta parece evidente. Porque terra tem dono. E quem é esse dono? O homem. Ao longo da obra, é possível observar em diversos momentos, a atribuição de semeador que é dada ao homem, enquanto a mulher, terra, submete-se a ele, como é possível constatar em algumas falas do rei, marido de Sarnau: “- Sarnau, pareces ser uma machamba difícil. Já faz tempo que semeio em ti e não vejo resultado. Com a outra foi tão diferente. Bastou uma semente e germinou logo.” (CHIZIANE, 2003, p.58) e em “Não tenho lá muita paciência. Não estou para lavrar sem colher” (CHIZIANE, 2003, p.58).

Desse modo, através de toda **difusidade** que é fruto da atribuição de características de seres animados a seres inanimados, da comparação entre homem e animais, bem como elementos da natureza de forma geral, Chiziane transporta para a linguagem a incerteza de Sarnau que, além de representar passado e futuro, tradição e modernidade, representa, através da linguagem metafórica, uma imprecisão do que ela, ou melhor, as mulheres, são de fato, como questiona a protagonista no capítulo seis “o que é que nós somos?” (CHIZIANE, 2003, p.58)

Considerações finais

A partir dessa breve análise é possível constatar a condição de inferioridade a qual a grande maioria das mulheres da região Sul de Moçambique é submetida ao vivenciar a prática do lobolo e da poligamia, traços da tradição de algumas regiões africanas, que vêm sendo mantidos em muitas comunidades até os dias atuais.

A partir da história de Sarnau, Chiziane retrata a realidade feminina de forma fiel, e, paralelamente, transforma a protagonista em um símbolo de questionamento das antigas tradições. Entretanto, é importante salientar que esse questionamento é dirigido especialmente aos costumes que subjagam a mulher. Outros traços da tradição moçambicana – como a oralidade, por exemplo- além de serem retratados –defendidos- pela autora ao longo do romance, são incorporados ao enredo. Sobre a linguagem do livro, destacam-se a metáfora e a comparação que aproximam, a todo instante, a mulher e a terra, o homem e o semeador, reafirmando, assim, a ideia de que o homem é o “senhor” da mulher -“O homem é o [...] teu senhor, e tu serás a serva obediente, escrava dócil [...]” (CHIZIANE, 2003, p.43)-. Contudo, em outra perspectiva, a metáfora da

mulher como terra marca o seu papel imprescindível; afinal, sem terra – mulher - não há “fruto”, não há “colheita”, não há vida.

O outro recurso utilizado frequentemente na linguagem do romance é a personificação de seres inanimados como forma de interligar o mundo humano e a natureza o que, além de remeter às lendas, ou seja, à tradição, representa o desejo de Sarnau de se afastar da condição em que se encontra –terra/mulher possuída e massacrada pelo homem e por certos costumes- e ser livre como os animais “Que triste é ser gente. Gostaria de ser um animal, ser livre para amar livre, sem leis nem tradição.” (CHIZIANE, 2003, p.81).

Referências

CHIZIANE, Paulina. **Balada de Amor ao Vento**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

DUARTE, Zuleide. **A tradição oral na África**. 2014. *Estudos de sociologia Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*, Pernambuco, v.15, n.2, p. 181-189, 2014.

PEPETELA. **As Aventuras de Ngunga**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática,1980.

SPINUZZA, Giulia. **A Poética de Eduardo White**. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.